

ISSN 2525-6904



APRESENTAÇÃO DE DOSSIÊ

Interlocuções Sul-Sul: Infâncias, Interseccionalidade e Pensamento Decolonial ¹

Artur Oriel PEREIRA, *Universidade de São Paulo*

Flavio SANTIAGO, *Universidade de São Paulo*

¹ Este dossiê foi construído em um momento no qual vivemos os efeitos da pandemia pelo Coronavírus COVID-19 em todo o mundo. No Brasil, houve um agravamento das mortes devido ao descaso da Presidência da República, que rejeita o social e dá uma supervalorização ao capital associado ao desprezo pela ciência e pelo direito à saúde e à vida. Como bem disse Guimarães Rosa, "O que a vida quer da gente é coragem"!



Os contextos políticos e as persistentes desigualdades econômicas e sociais da América Latina, que se interseccionam e dimensionam os sistemas de opressão, hierarquias e discriminações (LORDE, 1984; GONZALEZ, 1988), nos lançam aos desafios ético-político-epistemológicos de procurarmos as interlocuções do Sul Global como contra-resposta à hegemonia geopolítica do conhecimento (WASH, 2019).

Como afirma Adelia Miglievich-Ribeiro (2014, p. 78), "a denúncia da geopolítica do conhecimento é condição de afirmação, dentre outros, também da América Latina, ou melhor, da América Indo-Afro-Latina como locus de enunciação". Assim como, a operacionalização do caleidoscópio da interseccionalidade que possibilita uma análise apurada da gênese da transformação de diferenças como aspectos para justificar as desigualdades, imbricadas numa estrutura capitalista, racista, patriarcal, cis-heteronormativo, elitista, eurocristão, capacitista e adultocêntrica da sociedade (PEREIRA; SANTIAGO, 2020).

Nesse prisma, o Dossiê foi composto por pesquisadoras/es e ativistas sociais latino-americanos/as das áreas da Educação, da Antropologia, da Sociologia e da Psicologia, na Argentina, no Brasil, no Equador e no México. As/os autoras/es trazem para a discussão reflexões que evidenciam olhares plurais com/sobre as crianças e as pedagogias decoloniais, com vistas a problematizarmos a colonialidade do poder, do ser e do saber (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2017) que, também marcada por uma visão adultocêntrica, permeia as relações entre as pessoas e as práticas educativas desde a primeiríssima infância (ROSEMBERG, 1976). Contamos com um total de oito textos, três artigos internacionais e cinco nacionais. O processo de sua construção foi realizado por uma chamada aberta e pública e algumas/ns autoras/es foram especialmente convidadas/os.

Abrindo os artigos, temos como discussão as inquietações que mobilizam mulheres e estudiosas argentinas preocupadas com os dispositivos que a colonialidade do poder impõe sobre as infâncias. O texto de Laura Judit Alegre, Patrícia Figueira e Zulma Palermo, intitulado **Infancias Del Sur: Subjetividade en la diferencia**, partindo de “cenas do cotidiano” atravessadas pela violência institucional, indaga como as sociedades historicamente ocidentalizadas, “caídas de branco” e



“patriarcais”, como estatuto naturalizado pela diferença colonial, interpreta seu papel na “formação das infâncias”. Valendo-se de uma comparação contrastiva com outras formas de vivências comunitárias, investiga a potencialidade dessas em gerar outras concepções de interação social que colaborem no distanciamento processual da colonialidade na formação das subjetividades na infância.

Por meio da observação participante em marchas e encontros de valorização da estética negra entre 2014 e 2019 em nove capitais do Brasil, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro e Luzinete Simões Minella, no artigo **Infâncias Decoloniais, Interseccionalidades e Desobediências Epistêmicas**, sintetizam articulações teóricas entre o pensamento decolonial, estudos sociais da infância, estudos afro-brasileiros e interseccionais. As autoras apontam que a estética dos cabelos crespos em movimento pode oferecer condições simbólicas e subjetivas para que se desenvolvam novas perspectivas de resistência aos campos ideológicos do racismo, com o protagonismo das crianças negras, por meio da desobediência epistêmica.

Já o texto **Do epistemicídio à insurgência: o currículo decolonial da Escola Afro-Brasileira Maria Felipa (2018-2020)**, Maria Clara Araújo dos Passos e Bárbara Carine Soares Pinheiro, através de uma revisão da literatura sobre a perspectiva negra decolonial brasileira e de uma análise documental do Projeto Político-Pedagógico da instituição educacional na cidade de Salvador (Brasil), discute como os currículos decoloniais se opõem ao epistemicídio histórico. Ao posicionarem as populações amefricanas e ameríndias como sujeitos produtores de conhecimentos insurgentes, as autoras pontuam que o currículo decolonial articulado pelas/os professoras/es rompe com a perpetuação das colonialidades.

Tendo em vista, as especificidades da educação de crianças realizadas no contexto amazônico e ribeirinho, Alder de Sousa Dias e Waldir Ferreira de Abreu, no artigo **Possibilidades às pedagogias decoloniais a partir de práticas educativas com crianças ribeirinhas na Amazônia**, com base em uma revisão bibliográfica e análise do conteúdo como técnica de sistematização e análise de dados, apontam que as pedagogias decoloniais, como pujança intelectual, ainda



não estão organicamente assumidas pelo professorado em geral, mas como energia de descontentamento, fazem-se presentes a operar fraturas epistêmicas à pedagogia moderno-colonial.

Roberta Cristina de Paula, no artigo intitulado **Infâncias tocadas pelo batuque: A Ala das Crianças de uma Escola de Samba**, traz uma etnografia das infâncias de meninas e meninos da Ala “Pura Alegria” da Camisa Verde e Branco na cidade de São Paulo (Brasil), e impulsiona o eco das suas vozes, assim como a de outras/os componentes da agremiação, para analisar o papel da Escola de Samba no processo de construção das identidades negras e da educação dessas crianças. Os resultados mostram um protagonismo infantil que vem se despontando, desconstruindo um discurso de “vir-a-ser”, provando que as meninas e os meninos são sambistas, independente de suas idades. A agremiação consolida-se como um dos territórios tradicionais do samba, como um terreiro para as vivências das infâncias, possibilitando o acesso às culturas, aos conhecimentos de outras histórias do povo negro, promovendo a valorização e afirmação da negritude.

Com o objetivo de refletir sobre ser criança em contexto da educação infantil. Sueli Salva, Litiéli Wollmann Schütz e Renan dos Santos Mattos, no artigo **Decolonialidade e interseccionalidade: Perspectivas para pensar a infância**, apresentam dados etnográficos de duas pesquisas com crianças e discutem a busca de referências da decolonialidade, gênero e interseccionalidade no contexto da infância. A partir disso, com a descrição das interações e brincadeiras das crianças, assim como as ações docentes, apontam o protagonismo infantil como ato político; a perspectiva de ação no mundo das crianças como atos de microrrevoluções.

A partir da vertente decolonial que aborda as relações de gênero em um ambiente socioeducativo. Jessica Jazmin Rivadeneira-Peñafiel e Daniel Gustavo Llanos Erazo, no texto **Exclusión por estereótipos de género en la interacción social infantil**, analisam os processos de exclusão e estereótipos de gênero que ocorrem em um grupo de crianças do quarto ano de educação geral básica em um centro educacional da cidade de Quito (Equador). Destacam que a exclusão entre as crianças por gênero persiste em práticas de socialização. Os aspectos dinâmicos desse



processo são as narrativas e os discursos que os/as educadores/as empregam, assim como os preconceitos enraizados nas brincadeiras e práticas cotidianas das crianças.

Por fim, fechando o Dossiê temos o artigo **“Alguien a quien amar” Representaciones de la blanquitud y su relación con la infancia en dos obras literarias**, de Maria Teresa Garzon Martínez, que promove uma reflexão feminista decolonial, por meio de duas obras literárias (mexicana e colombiana) e do uso da análise de conteúdo. Mirando o olhar nas representações da infância e da juventude nos universos literários, a autora aponta a relação entre infância e branquitude, representação e poder, discurso e ideologia, literatura branca e mitologia.

Neste conjunto de pesquisas desenvolvidas na América Latina, temos a possibilidade não somente de compreensão das condições existentes e as significações dadas aos protagonismos das crianças de 0 a 12 anos, mas a visibilidade das suas infâncias e das pedagogias decoloniais, em simultâneo, a leitura das complexidades que envolvem os processos mais amplos nas sociedades contemporâneas.

Aproveitamos para agradecer à/aos editora/res da Revista Cadernos de Gênero e Diversidade, Patrícia Rosalba Moura Costa, Thiago Barcelos Soliva e Felipe Bruno Martins Fernandes, que acolheram nossa proposta a respeito das infâncias latino-americanas discutidas com base na interseccionalidade e no pensamento decolonial, um movimento ético-político-epistemológico que ganha cada vez mais destaque nas diversas áreas de estudos e em toda a sociedade. Como professora/res e pesquisadora/res, com rigorosidade, contribuíram substancialmente para esta publicação.

Esperamos que os dados reunidos neste dossiê sejam instrumentos de mais investigações, reflexões e de divulgação científica acerca dos Estudos Sociais da Infância, das teorias e análises interseccionais e decoloniais nas diversas áreas do(s) conhecimento(s).



Referências

- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.
- LORDE, Audre. Age, Race, Class and Sex – Women Redefining Difference. In: _____. *Sister Outsider*. Essays and Speeches. Freedom, California: The Crossing Press, 1984.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma razão decolonial: desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 66-80, jan.-abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892014000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 mai. 2021.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 mai. 2021.
- PEREIRA, Artur Oriel; SANTIAGO, Flavio. Cores que desenham o mundo: infâncias e as marcas de gênero, raça e classe. *Educação (UFSM)*, Santa Maria, p. e2/ 1-23, jan. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/38743>. Acesso em: 23 mai. 2021.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder: eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (Biblioteca de Ciências Sociais).
- ROSEMBERG, Fúlvia. Educação: para quem? *Ciência e Cultura*, Campinas, n. 28, v. 12, dez., p. 1466-1471, 1976.
- WASH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)*, Pelotas, v. 05, n. 1, jan.-jul., p. 6-39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 22 mai. 2021.

Artur Oriel PEREIRA
Universidade de São Paulo
Doutorando em Ciências Humanas - FFLCH-USP
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7307-878X>
e-mail: arturoriel@gmail.com

Flavio SANTIAGO
Universidade de São Paulo
Pós-doutorando em Educação - FE-USP
e-mail: santiagoflavio2206@gmail.com

Recebido em: 05/06/2021
Aprovado em: 25/06/2021